

PESQUISADORES BRASILEIROS PARTICIPAM DE ATIVIDADES ETNOMATEMÁTICAS EM TERRAS INDÍGENAS DE RONDÔNIA E MATO GROSSO

*José Roberto Linhares de Mattos
Sandra Maria Nascimento de Mattos*

Atividade na Terra Indígena Zoró

Os professores do Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, José Roberto Linhares de Mattos, Sandra Maria Nascimento de Mattos, Eulina Coutinho Silva do Nascimento e a mestrande Keila Ferreira de Oliveira, estiveram presentes, no dia 09/07/2019, na aldeia escola *Zawã Karej*, na Terra Indígena Zoró, no município de Rondolândia, no estado do Mato Grosso, Brasil.

Eles foram recebidos pelo chefe geral dos caciques Zoró *Pangyjej*, *Panderewup* Zoró e tiveram uma reunião com os membros do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (CDCE), coordenada pelo presidente do CDCE, Humberto Zoró, com a participação do diretor da Escola Estadual Indígena (E.E.I.) *Zawã Karej Pangyjej*, Sandro I'ap Zoró, o diretor tesoureiro da Associação do Povo Indígena Zoró (APIZ), Alexandre Xiwekalixig Zoró, a servidora da FUNAI e vereadora do município de Rondolândia, Sra Lígia Neiva e o professor não indígena de matemática da E.E.I *Zawã Karej Pangyjej*, Douglas Junior de Souza Alves.

A Terra Indígena Zoró, da etnia *Pangyjej*, fica localizada no Noroeste do estado do Mato Grosso, no município de Rondolândia. Ela faz fronteira com a Terra Indígena Sete de Setembro, da etnia Paiter Suruí, e com a Terra Indígena Roosevelt, da etnia Cinta Larga, as quais compõem o chamado “Corredor Etnoambiental Tupi Mondé”.

Os Zoró, ou *Pangyjej*, possuem uma ação pedagógica de sustentabilidade e preservação ambiental, desenvolvida em sua terra indígena, na aldeia *Zawã Karej*. Essa ação é realizada por meio do projeto “Amazônia Indígena Sustentável”, que é trabalhado pelos próprios indígenas, apoiados pela Associação Kanindé de defesa etnoambiental, em parceria com a Associação dos Povos Indígenas Zoró (APIZ), com recursos do Fundo Amazônia e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Trata-se de um projeto de reflorestamento que conta com dois viveiros de mudas de espécies nativas da região amazônica, que são replantadas pelos Zoró em áreas devastadas por queimadas ou ações ilegais de não indígenas em suas terras, na floresta.

Essa ação de sustentabilidade e preservação da floresta é trabalhada pelos professores indígenas Zoró na educação escolar indígena na E.E.I. Zawã Karej Pangyjej

Atividade na Terra Indígena Sete de Setembro

No dia 10/07/2019 os pesquisadores desenvolveram um trabalho de campo na aldeia Paiter linha 09, da etnia Paiter Suruí, localizada na Terra Indígena Sete de Setembro, na cidade de Cacoal, no estado de Rondônia, Brasil. A aldeia possui um Centro de Plantas Medicinais, chamado *Olawatawa*, coordenado pelo indígena Narayamat Suruí, e tem como objetivo a preservação e valorização dos saberes tradicionais Paiter, no uso de ervas medicinais para o tratamento e cura de algumas doenças.

O Centro de Plantas Medicinais *Olawatawa* é parceiro do grupo internacional de pesquisas *Educação em Fronteiras* (EmF), coordenado pelo professor José Roberto Linhares de Mattos, e faz parte de um projeto intitulado “A cura pelas plantas medicinais do povo Paiter Suruí”, desenvolvido pela professora Sandra Maria Nascimento de Mattos e por sua aluna de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Keila Ferreira de Oliveira. A visita contou ainda com roda de conversas com uma sabedora, mãe do indígena, e um momento de aprendizagem, na educação indígena, sobre como fazer makaloba.

Os pesquisadores realizaram, também, uma apresentação na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Izidoro de Souza Mereles sobre uma ação pedagógica, com o objetivo de desenvolver um trabalho de conscientização sobre os resíduos sólidos, como materiais plásticos e latas de alumínio, produzidos nas aldeias e que acabam não tendo um destino apropriado.

Essa ação faz parte de um projeto de pesquisa chamado “Reciclar é mais que arrecadar: por uma conscientização crítica sobre os resíduos sólidos produzidos na aldeia indígena Paiter Linha 09”, coordenado pela pesquisadora Sandra Mattos, com o apoio do diretor da escola e presidente do Conselho Escolar Pamakoba Wah, professor Me. Gamalonô Surui e sua esposa, a indígena Léia Surui. O objetivo é fomentar a conscientização crítica sobre o desenvolvimento sustentável e o descarte dos resíduos produzidos na aldeia, que ficam largados no ambiente, ou têm um destino inapropriado, causando malefícios, como é o caso da queima de garrafas pet.

No dia 11/07/2019, os pesquisadores participaram de uma atividade de campo na aldeia Iratana, Linha 10, também do povo Paiter Suruí. Nessa aldeia, a Associação *Soenama* do Povo Indígena Paiter Suruí desenvolve o Projeto Babaçu *Toroya*, cujo objetivo é fortalecer as práticas culturais com geração de renda sustentável a partir dos conhecimentos tradicionais sobre os recursos naturais, preservando a floresta em pé.

O uso tradicional do babaçu na cultura Paiter Suruí é bem diversificado e tudo é aproveitado dessa planta. A palha, da folha do babaçu, serve para fazer cobertura das malocas, para confeccionar esteiras e produzir cestarias. O gongo, uma larva desenvolvida dentro do babaçu, é usado na culinária, na qual é degustado vivo ou frito, e usado para extrair um óleo utilizado em diversos alimentos, e que tem funções cosméticas e medicinais na cultura tradicional Paiter.

A massa ou farinha do fruto do babaçu (mesocarpo) é utilizada no preparo do beijú e da paçoca com carne de caça, e tem função terapêutica na medicina tradicional Paiter. A amêndoa do fruto do babaçu maduro é torrada e misturada ao óleo de gongo para ser utilizada na pintura corporal. Quando envelhecida, a amêndoa é utilizada no tratamento de manchas e feridas na pele. O que sobra do coco do babaçu é utilizado como lenha para fazer fogo.

As atividades contaram com conversas com o sabedor indígena Iratana Surui, com visita ao babaçual, roda de conversas com lideranças e outros membros da comunidade e um momento de aprendizagem sobre como se retira o mesocarpo do babaçu verde para produção da farinha, e como se retira as amêndoas e o gongo do babaçu seco, para produção do óleo de babaçu e uso na culinária.

Todas essas ações fazem parte da educação indígena e da educação escolar indígena, de maneira interdisciplinar com uma abordagem etnomatemática, em especial nas suas dimensões política e pedagógica.